

ARQUITETURA E TÉCNICA

Rodrigo Queiroz

Se a condição de existência da Arquitetura é a sua efetiva presença no mundo, poderíamos dizer, objetivamente, que não existe Arquitetura que prescindia do conhecimento técnico necessário a sua execução. Entretanto não são poucos os exemplares que demonstram, sem o menor constrangimento, que a concepção arquitetônica, às vezes, negligencia os atributos da matéria da qual é feita, em nome da obsessão por uma originalidade superficial e estéril, sendo, assim, distante do campo da própria Arquitetura.

O projeto de uma edificação é uma síntese entre arte e técnica, em que se tornam indiferenciados os limites entre uma e outra. Pelo menos para determinada vertente da Arquitetura moderna, o sentido de beleza não se encontra na aparência da forma, como uma ordenação “compósita” aplicada posteriormente à construção, mas na expressão máxima revelada pelo preciso desenho que dá forma à própria técnica.

Do mesmo modo que não se reduz ao estrito resultado imediato da aplicação de decisões técnicas, o projeto da edificação também não é a formalização de uma ideia completamente indiferente aos meios pelos quais é posta no mundo. Mais do que o conhecimento necessário à transposição da ideia ao plano real, a técnica é a inteligência na qual o projeto se apoia, para revelar a lógica de sua própria realização. Nesse sentido, o projeto é também a consciência sensível sobre a matéria e a técnica, e não apenas um *constructo* mental superficial, como se o saber técnico pudesse erroneamente ser reduzido à condição de aporte posterior à criação.

Nesta edição, a seção Depoimentos aborda o cinquentenário do Departamento de Tecnologia da Arquitetura da FAUUSP (1964/2014) e conta com a transcrição do debate organizado pelas professoras Denise H. S. Duarte, Fabiana L. de Oliveira, Joana C.

Gonçalves e Maria Camila L. D'Ottaviano, realizado com professores que dedicaram grande parte de suas vidas à FAUUSP. São eles: Geraldo Gomes Serra, Khaled Goubar, Ricardo Toledo Silva, Sueli Ramos Schifer e Ualfrido Del Carlo.

Em uma das várias passagens instigantes do debate, o professor Ricardo Toledo Silva discorre sobre o caráter e a especificidade das disciplinas de Tecnologia em um curso de Arquitetura e Urbanismo, caracterizado, via de regra, por um abismo aparentemente intransponível entre o campo intelectual e o conhecimento prático, fundamental à efetiva existência da Arquitetura. Em um dos trechos, o professor Ricardo traça um perfil do estudante e sua relação com as disciplinas vinculadas ao Departamento de Tecnologia: “os que tinham motivação política e social [...] eram muito ruins na parte técnica, eles realmente não sabiam dar solução para os problemas, e vice-versa, os que tinham melhor desempenho na parte técnica eram absolutamente alienados de qualquer problema público ou social que se pudesse colocar”.

É justamente a aproximação entre o conhecimento técnico e uma visão lúcida e consciente sobre a condição do arquiteto e urbanista na sociedade, um dos compromissos atuais das disciplinas do Departamento de Tecnologia. A importância histórica da presença das disciplinas vinculadas ao Instituto de Matemática e Estatística e à Escola Politécnica - fundamental, inclusive, para o devido entendimento do próprio Edifício Vilanova Artigas - revela o Departamento de Tecnologia como centro de convergência de outras unidades da Universidade de São Paulo, que contribuem não só para a formação do arquiteto e urbanista, no campo da materialidade e da técnica, mas também para a formação do designer, nas disciplinas que abordam novos modelos e processos de industrialização.

pós-
007

Esta edição 35 da Revista Pós conta, ainda, com dez artigos, que abarcam diferentes campos do conhecimento em Arquitetura e Urbanismo, tais como: crítica, análise e metodologia de projeto de Arquitetura; História da Arquitetura e da Urbanização; representação da paisagem e História Social.

No artigo “A modernidade de Nova York segundo Rem Koolhaas”, o autor, Paolo Colosso, aborda a visão do arquiteto holandês sobre a cidade de Nova York, a partir da análise de seus textos, sendo, o principal, o conhecido “Nova York delirante”. A configuração urbana proveniente da relação entre retícula ortogonal e arranha-céu revela-se como imagem síntese da metrópole norte-americana, assim como das contradições inerentes à produção do espaço pelo poder do capital privado, monumentalizado em icônicos edifícios, que realizam, um a um, uma sociabilidade vertical dentro da própria cidade.

Já o artigo “O lugar sustentável: por uma inter-relação entre a Arquitetura, o lugar e suas preexistências ambientais”, escrito por Fabiano Vieira Dias, aproxima, dos aspectos da sustentabilidade, o conceito das preexistências ambientais, formulado pelo arquiteto Ernesto Nathan Rogers, a partir das “acumulações culturais e históricas”. Para o autor, a condição contemporânea da Arquitetura consiste justamente na aproximação entre cultura e ambiente natural, como hipótese de síntese entre construção e paisagem.

Em “Ensino de projeto arquitetônico com a inclusão de novas tecnologias: uma abordagem pedagógica contemporânea”, os autores, Maycon Sedrez e Gabriela Celani, tomam como ponto de partida a disciplina *Responsive Architecture*, ministrada na Unicamp pela professora Anne Save Beaucueuil, para demonstrar o significativo papel das novas tecnologias computacionais de representação e modelagem no processo de projeto, e seu desdobramento na linguagem da forma arquitetônica. Os procedimentos projetuais apresentados na disciplina foram aplicados na elaboração de um projeto para a Comunidade Esportiva Glicério, localizada na borda do centro da cidade de São Paulo, próximo ao Rio Tamanduateí. A configuração formal e espacial do resultado final

reflete justamente a incorporação e a aplicação desses novos instrumentos de projeto.

O artigo “Os projetos residenciais não-construídos de Vilanova Artigas em São Paulo”, de autoria de Ana Tagliari, Rafael A. C. Perrone e Wilson Florio apresenta projetos quase desconhecidos do arquiteto paranaense, diferentes de sua obra construída, amplamente estudada e difundida. A confecção de maquetes físicas em escala 1/100, a partir dos desenhos pesquisados, é fundamental para a devida compreensão desse conjunto de “inéditos” de um dos mais importantes arquitetos do Brasil. As maquetes revelam justamente uma diversidade tipológica e formal, cujas características, até certo ponto surpreendentes, não se encaixam nas categorias identificáveis em sua obra construída. Apesar de exemplos que utilizam soluções devidamente incorporadas à gramática formal da Arquitetura brasileira, como o “telhado asa de borboleta”, solução adotada para a própria residência do arquiteto, o artigo apresenta um conjunto de projetos realizados no final da década de 1960, caracterizados pelo improvável uso de arcos, como as residências Elias Calil Cury (1969) e Newton Bernardes (1969). A publicação desses projetos de Vilanova Artigas é fundamental para a compreensão de seu procedimento projetual, mas principalmente para o reconhecimento da diversidade de sua obra.

Em “Casa Valéria Cirell e o nacional-popular”, a autora, Edite Galote Carranza, apresenta o projeto da residência Valéria Cirell, de Lina Bo Bardi, como uma hipótese peculiar e alternativa ao projeto moderno brasileiro e seus desdobramentos mais ligados à vertente construtiva da forma. Projetada quase simultaneamente a Brasília, a residência Cirell revela justamente a autonomia de Lina Bo Bardi com relação ao *status quo* da Arquitetura brasileira do período. A recepção da cultura popular e sua transposição para a materialidade e para a forma da Arquitetura é percebida no uso dos seixos rolados, e no revestimento externo e beiral de sapé. Na opinião da autora, a residência Valéria Cirell “exemplifica a essência da Arquitetura alternativa de Lina Bo”.

No artigo “Cuenca Matanza-Riachuelo: reconhecendo a periferia de Buenos Aires”, o autor, André de Oliveira T. Carrasco, relata seus

levantamentos no sistema formado pelos rios Matanza e Riachuelo, localizados na região sul da Cidade Autônoma de Buenos Aires. Considerada uma das áreas mais pobres da província, a bacia Matanza-Riachuelo caracteriza-se pela precariedade urbanística e ambiental, assim como pela heterogeneidade de uso e ocupação. Os largos rios de planície localizados na periferia sul de Buenos Aires protagonizam uma paisagem que se confunde com a própria história da capital argentina, como podemos observar nas antigas pontes metálicas e nos atracadouros daquele que foi o primeiro porto da cidade, localizado em La Boca.

“O IDORT e a habitação econômica: a difusão de experiências internacionais (1932-1960)”, artigo assinado por Telma de Barros Correia e Caliane Christie de Oliveira e Almeida, trata do Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), fundado em São Paulo em 1931. Os conteúdos da Revista de Organização Científica do IDORT, publicada entre as décadas de 1930 e 1960, revelam a atualidade do Instituto sobre assuntos como habitação, projeto arquitetônico, Urbanismo e sistemas construtivos. No contexto de um país em pleno processo de urbanização e industrialização, a revista apontou para a necessidade de um pensamento em macroescala, infraestrutural, para o tema da habitação, ao abordar condicionantes como o problema sanitário, a moradia econômica e de massa, que rebate-se inevitavelmente em um desenho de escala urbana.

Em “Estética e Natureza: a paisagem brasileira no início do século 19”, o autor, Roberto Rüsche, aborda a experiência de artistas, cientistas e viajantes que exploraram a paisagem brasileira durante a primeira metade do século 19. As representações sobre o território ultrapassam o caráter documental, científico e estético, resultando também em uma reflexão de ordem sensível e poética. A partir da obra *Viagem pelo Brasil*, dos naturalistas Friedrich von Martius e Johann von Spix, o autor constrói um itinerário para a compreensão da “relação sensível que se estabelece entre sujeito e natureza”, revelada justamente não pela automática representação do lugar, mas pela representação do conteúdo do olhar.

Os autores Karen Nicolli Ramirez e Henrique Lindenberg Neto, no artigo “De igreja de taipa a

catedral: aspectos históricos e arquitetônicos da Igreja Matriz da cidade de São Paulo”, abordam não somente a história da construção da Catedral da Sé, como traçam uma cronologia de suas sedes anteriores. Entre a encomenda do projeto, em um controverso estilo gótico, ao engenheiro-arquiteto Maximiliano Hehl, em 1889, e o término das obras, em 1967, passaram quase 80 anos. Inaugurada no mesmo ano do moderno conjunto do Parque Ibirapuera, a Catedral da Sé e, claro, sua Arquitetura “de estilo” representam o descompasso entre cosmopolitismo e conservadorismo, que identifica a sociedade paulista.

O artigo “O tratado de Andrea Pozzo e seus reflexos na talha dourada em Minas Gerais”, de Aziz José de Oliveira Pedrosa, lança uma nova hipótese sobre a história da talha dourada nas igrejas mineiras, ao especular sobre a existência de tratados de Arquitetura, inclusive aqueles de autoria de Andrea Pozzo, em pequenas bibliotecas particulares, como a do mestre entalhador José Coelho de Noronha. A comprovação de afinidades e semelhanças entre os retábulos de Noronha e os elementos arquitetônicos difundidos por Pozzo parece dar início a uma nova chave de compreensão sobre a genealogia da talha dourada na Arquitetura religiosa de Minas Gerais.

Na seção Conferências, a professora Beatriz M. Kühl apresenta dois desdobramentos de atividades acadêmicas do Programa de Pós-graduação da FAUUSP, realizadas com a participação de docentes de importantes universidades italianas e portuguesas, durante o ano de 2013, e que abordaram a preservação de bens culturais

Em “O destino do centro histórico de Nápoles, em quarenta anos de debates e propostas projetuais: do plano de 1971, ao grande programa Unesco”, traduzido pela professora Beatriz M. Kühl, o professor Andrea Pane, da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Nápoles Frederico II, faz uma análise pormenorizada das propostas urbanas para o centro histórico de Nápoles, patrimônio mundial da Unesco, realizadas nos últimos quarenta anos, e aponta para o processo de mudança, da consciência da visão urbana sobre o sítio arquitetônico histórico, da “transformação quase incontrolada do tecido antigo”, resposta imediata às exigências do mercado,

para um novo enfoque, baseado “na análise e na identificação das características e dos valores da cidade antiga”. A visão sobre a pertinência do “restauro urbanístico” do centro histórico de Nápoles perpassa os planos urbanos para área, desde 1971. Entretanto, segundo o autor, “distanciamento entre a riqueza dos estudos e dos projetos e a pobreza da realidade quotidiana da cidade” parece perpetuar as boas ações ao campo das ideias, pois cabe justamente aos seus habitantes o principal papel de transmitir o valor histórico do lugar.

Já no texto “Cassiodoro e o nascimento do restauro, ao final do Império Romano do Ocidente”, também traduzido pela professora Beatriz Kühl, o pesquisador Alessandro Pergoli Campanelli, docente da Universidade de Urbino, demonstra remontar ao século 6 d.C. a existência de conceitos normativos sobre a preservação e sobre a própria disciplina do restauro de bens culturais, e, desse modo, abre um nova frente de abordagem sobre uma atividade cuja origem é usualmente datada no final do séc. 18.

A edição 35 da Revista Pós ainda conta com a resenha do professor Carlos Guilherme Motta, sobre o livro “As minas de ouro e a formação das capitâneas do Sul”, de autoria do professor da FAUUSP Nestor Goulart Reis Filho, além da resenha do livro “Ricardo Magdalena: arquiteto municipal de Zaragoza (1876/1910)”, de autoria de Ascensión Hernández Martínez, redigida pela professora Beatriz M. Kühl.

A seção *In Memoriam* lembra a perda de dois grandes nomes da Arquitetura brasileira. Os professores Hugo Segawa e Anália Amorim prestam homenagem ao arquiteto brasileiro João Figueiras Lima (Lelé), morto em 21 de maio, e o professor Ubyrajara Gilioli faz um belo texto sobre o arquiteto e professor da FAUUSP Miguel Alves Pereira, falecido em 15 de maio.

Boa leitura.

Rodrigo Queiroz
Editor-chefe
roqueiro@usp.br